IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

VIVÊNCIAS DE PAZ NA ESCOLA

MÖLLMANN, Andrea Dorothee Stephan – PUCRS
andreadorothee@hotmail.com

Eixo Temático: Violências na escola
Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Esta pesquisa, Dissertação de Mestrado defendida na PUCRS no Programa de Pós-Graduação em Educação, tem como objetivo compreender as vivências de paz no meio escolar, identificando as condições para que os sujeitos envolvidos possam buscar o desenvolvimento de culturas de paz. Assim sendo, foi construído o seguinte problema de pesquisa: Como é vivenciada a paz no meio escolar? A metodologia utilizada é de cunho qualitativo com abordagem fenomenológica, seguindo diretrizes propostas por Amedeo Giorgi (GIORGI, 2001). Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com oito pessoas, integrantes de uma escola pública, escolhidos intencionalmente e contemplando alunos, professores, pais, equipe diretiva e auxiliares de ensino. Os dados mostraram as relações do problema de pesquisa - as vivências de violência e o papel da família na educação para a paz – e emergiram cinco dimensões. Os entrevistados expuseram as idéias que têm a respeito de paz (**Mas, o que afinal é paz?)**; teceram considerações sobre o que significa vivenciar e o que já vivenciaram na escola referente à paz (**Vivências de paz [e de violência] na escola**); ofereceram um retrato do que está acontecendo na escola para haver paz (**O que está sendo realizado na escola para haver paz?)** e falaram sobre o processo de construção e construtores de paz, sinalizando condições e obstáculos (**Construção de paz: condições e obstáculos**). Emergiram, permeando os dados como um todo, as possibilidades vivenciadas e visualizadas pelos entrevistados referente à educação para a paz (**Educação para a paz na escola e na família**) e os desafios, as dificuldades, alegrias e perspectivas para que a escola proporcione vivências de paz. Concluindo, este estudo mostrou como é vivenciada a paz na escola, o potencial de significação das vivências e sua importância para a constituição de culturas de paz.

Palavras-chave: Paz. Vivências. Educação. Escola. Violência.

Introdução

Da vontade de contribuir para a construção de paz nasceu esta pesquisa. Há, globalmente, um clamor por paz, com inúmeras manifestações populares contra a violência e favor da democracia, justiça e liberdade. Acreditar que é possível e agir; é nesse campo também que a educação pode se fazer valer. Para Hannah Arendt (1975), a capacidade

humana de agir em conjunto com outros é o que constitui o poder. E isso pode ser aprendido. É como paz e educação estão interligadas. É o que expressa também Carlos Rodrigues Brandão (1995): “Pensar culturas de paz significa, em primeiro lugar, reclamar o deslocamento do seu eixo de sentido e poder” (p.48) e “[...] a paz e os seus sentidos devem ser também aprendidos” (p.49). A questão sobre o que seja paz geralmente é respondida de maneira inversa: o que não é paz? Quero enfocar o fenômeno da paz como valor e entidade própria e vibrante, algo para ser vivido e construído, não apenas como ausência de guerra e outras formas de violência direta.

Esta pesquisa situa-se no campo das pesquisas sobre paz -**peace research**- uma ciência constituída depois de 1945 (GUIMARÃES, 2003). Estudos de paz constituem um amplo campo, pesquisando nos espaços da natureza, espaços humanos, sociais, mundiais e culturais de forma entrelaçada (GALTUNG, 1993). Com esta pesquisa pretendo contribuir para os estudos científicos sobre paz, partindo do pressuposto que estudar a paz pode ajudar na sua construção. Percebo o tema da paz como um assunto pedagógico de suma relevância, reconhecimento já histórico com um amadurecimento de mais de oitenta anos, pois o que é a educação, senão o processo da convivência e do viver e aprender com o outro. O outro que assume um papel fundamental no **modus vivendi** de paz construída, sendo construída e a ser construída entre e por nós.

Desenvolvimento

Procuro compreender a paz, na perspectiva do mundo da vida dos integrantes de uma escola pública em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em que se faz presente um contexto temporal, espacial e cultural próprio e regional. Assim sendo, defino como tema para esta pesquisa: As vivências de paz na escola.

Desenvolvo esta pesquisa abordando as vivências dos entrevistados. Por que o conceito de vivência assume um papel tão fundamental na aprendizagem da paz? É o que caracteriza a vivência, como algo inesquecível e com uma dimensão de estabilidade, para que o aprendizado da construção da paz, seja marcante e, por que não dizer, indelével. E vivência é diferente de percepção e sensação; falando da paz, não basta sentir ou perceber, é preciso vivenciá-la. É Hans-Georg Gadamer, filósofo, que, numa entrevista dada à Revista **Zeitpunkte,** em 1996, chama atenção para o fato de na era automatizada em que vivemos, as

vivências tendem a desaparecer do mundo, o qual se apresenta de maneira ordenada demais, suprimindo os espaços necessários para o vivenciar.

E são nossas vivências hoje que darão sentido às nossas vivências próximas. Experiências vicárias profundas que se impregnam em nosso ser. Assim, compreendemos que a paz deva ser vivenciada cotidianamente e construída, como pensou Immanuel Kant, numa agenda diária, num possível a ser perseguido por todos nós.

Foi baseado nestas reflexões e diálogos, buscando olhar para o fenômeno da construção da paz e tentando compreendê-lo, que construí o problema de pesquisa: **Como é vivenciada a paz no meio escolar?**

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as vivências de paz no meio escolar, identificando as condições para que os sujeitos envolvidos, neste âmbito, possam buscar o desenvolvimento de culturas de paz.

Os objetivos específicos são:

- compreender a idéia que os sujeitos têm a respeito de paz;
- identificar as vivências dos sujeitos no meio escolar no que diz respeito à paz;
- retratar o que está sendo realizado no âmbito da escola para haver paz;
- verificar a percepção dos sujeitos das possibilidades para a construção de paz;
- identificar as condições para que a escola proporcione vivências de paz.

Metodologia

Através desta pesquisa, na qual enfoco a problemática da paz, no meio escolar, busco lançar luz ao que alunos, professores, auxiliares de ensino e pais relatam referente ao que compreendem por paz e como a vivenciam. Foi o problema que me instigou a procurar um método adequado, como dizia Edmund Husserl (1965, p.71): “Não das filosofias, mas das coisas e dos problemas deve partir o impulso da ciência”.

Partindo do problema e dos objetivos propostos, realizei uma investigação de cunho qualitativo com abordagem fenomenológica e segui diretrizes propostas por Amedeo Giorgi (1978, 1985, 1997, 2001).

Escolhi a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados, devido a sua natureza dinâmica e interativa e por considerá-la adequada com relação ao problema e a abordagem metodológica desta pesquisa. Elaborei as seguintes perguntas a partir das questões norteadoras desta pesquisa:

- O que é paz para você?
- Você tem/teve vivências de paz na escola?
- O que está sendo realizado na escola para haver paz?
- O que pode ser feito para haver paz?
- O que é necessário para a escola proporcionar vivências de paz no meio escolar?

Discutindo: Vivências de paz na escola

A reflexão sobre as possibilidades do homem permeia toda dissertação, porque educar é fundamentalmente acreditar nessas possibilidades.

À luz dos dados emergiram cinco dimensões, as quais estão elencadas a seguir com exemplos da fala dos entrevistados. Os entrevistados, para os quais utilizei os nomes de planetas do sistema solar como codinomes, expuseram com ricos detalhes as idéias que têm a respeito de paz na dimensão **Mas, o que afinal é paz?**: "[...] ter aquela vida normal, eu vejo os vizinhos, as pessoas, paz para mim é assim. Aquela minha rotina, as pessoas estudando,conversando; meus filhos, o que é normal deles, briga de irmão, mas normal para mim; meu marido chega de noite [...]" (Marte). Paz descrita como ausência de briga é um conceito de paz que os estudiosos classificam de paz negativa, pois não caracteriza presença de paz em si, mas ausência de violência. Já em 1932, num discurso que proferiu no Escritório Internacional da Educação em Genebra, Maria Montessori (2004, p.26) explicita esta compreensão que existe da paz como ausência de violência direta e ela vai além, considerando esse entendimento como a vitória da guerra:

> O que entendemos em geral pela palavra paz é simplesmente a cessação da guerra. Mas esse conceito negativo não permite uma descrição adequada da paz autêntica. E sobretudo, vendo o objetivo aparente das guerras, a paz, vista por esse ângulo, representa principalmente triunfo permanente e final da guerra.

Na dimensão **Vivências de paz [e de violência] na escola** teceram considerações sobre o que significa vivenciar e o que já vivenciaram na escola referente à paz e à violência: “Têm dias que não dá vontade de vir, tu pergunta, porque que eu tem que passar por isso” (Saturno). É no contexto da contradição de paz e violência vivenciadas na escola que os educadores atuam. Portanto, faz-se mister que tenham consciência dessa situação, pois, segundo Jares “[...]ignorá-la seria, além de uma ilusão, fonte inesgotável de frustrações e conflitos sem resposta” (2002, p. 191).

Assim, para Mercúrio, a escola é uma possibilidade das vivências de paz:

> Sim, a gente tem paz no momento em que vem estudar. Além do mais, a gente está aprendendo, as pessoas são muito legais com a gente, eles conversam com a gente. Uma professora de sociologia, ela conversa assuntos trilegais com a gente, acho que é uma segurança para a gente, sei lá, um clima de paz que a gente tem com os colegas, os professores. A gente tem paz [na escola].

Em **O que está sendo realizado na escola para haver paz?** ofereceram um retrato do que, na sua óptica, está acontecendo na escola para haver paz:

> [...] começou por iniciativa do professor de inglês, ano passado, e ele resolveu que não queria mais ver a sala dele daquele jeito que estava. Então ele perguntou para a direção se ele podia juntos com os alunos pintar a sala. Pintaram a sala. Então assim não tem mais problema de sala quebrada, sala suja, está lá a sala de matemática pintada. E os alunos grafitaram. Depois logo a professora de biologia [...] Depois a professora de química resolveu também [...] Fica um ambiente mais agradável, os alunos começam a cuidar mais, sabem que a escola é deles [...] (Plutão).

Falaram sobre o processo de construção e construtores de paz, sinalizando condições e obstáculos na dimensão **Construção de paz: condições e obstáculos**: “Tu tem que educar corações e mentes. E educar corações e mentes é o mais difícil. É um trabalho de lançar sementes, é um trabalho de formiguinha, e isso aí não é por decreto” (Urano);“Muito difícil conquistar esse estado de paz nos dias atuais, porque, na verdade, parece que todo mundo é contra essa paz, numa voracidade, uma pressão, uma concorrência, uma disputa, um desespero por conquistar algo” (Netuno). Com relação à paz, o mundo também é projeto e possibilidade, e isso implica que “A paz não é o ideal de uma vida ancorada na segurança, mas no esforço. Trabalhar pela paz significa mesmo abandonar os pressupostos da tranqüilidade” (GUIMARÃES, 2003, p. 247).

Emergiram, permeando os dados como um todo, as possibilidades vivenciadas e visualizadas pelos entrevistados referente à Educação para a Paz na dimensão **Educação para a Paz na escola e na família** e os desafios, as dificuldades, alegrias e perspectivas para que a escola proporcione vivências de paz: “E a gente como professor tentar ser um elo positivo para a vida deles”(Netuno); “[...] para ter mais paz, eu acho que tem que ser educação em casa, porque o que a gente vê as crianças pequenas trazendo exemplos de casa, às vezes, que são ruins [...]”(Marte). Há uma tensão significativa entre o papel da escola e o papel da família, sendo ambos, escola e família, implicados na Educação para a Paz. Emerge uma discussão referente à Educação para a Paz, a respeito do que a escola deve assumir, o papel da família e a estrutura atual da família. A família é vista como uma importante fonte de cultura de paz nas sociedades, mas também pode ser fonte de violência, é o que diz Boulding (1998), explicando o processo de transmissão de conhecimento e de experiências através das famílias numa comunidade. É o que Boulding (1998) denomina de forças escondidas da construção da paz, mas que também podem ser forças escondidas da propagação da violência. É a vivência de padrões os quais, compreendendo-se vivências como experiências que marcam, são repetidos.

Educação para a Paz precisa começar em casa diz Boulding (1990, p. 1) categoricamente: “Toda paz que precisamos no planeta inicia com a criança e seu meio: a casa [lar]”. Porém, Educação para a Paz dá se nos mais diversos espaços e tempos: nas casas, nos jardins, nas ruas e nas escolas (BOULDING, 1990).

Considerações Finais

Muito importante é dizer que na presente pesquisa encontro todos os elementos necessários para a construção de paz e uma educação para a paz. Há o ideário de uma paz positiva, do diálogo, da resolução não-violenta de conflitos, da paz ligada à justiça social e ao desenvolvimento. As idéias não estão presentes para todos os entrevistados, mas na escola como um todo.

Percebo que com relação ao fenômeno paz, a impossibilidade de defini-lo de forma única é que é a sua essência, é constitutiva da mesma. É como diz Levinas (1999, p. 86) quando se refere à fenomenologia: “[...] a não-completude de uma série de sombreamentos da coisa, é uma forma de completude da mesma”. Penso que não é preciso consenso sobre o conceito de paz, e sim, reconhecer que existe mais do que um conceito. A complexidade do

conceito de paz que leva a um imenso campo de investigação é fruto ou manifestação da complexidade da humanidade, de seu pluralismo.

Referente às vivências de paz na escola, não a permeia um propósito ou planejamento articulado para que elas possam acontecer. O potencial de significação e ressignificação das vivências em geral ainda está para ser descoberto na escola de forma mais intensa, para que ele possa ser aproveitado na Educação para a Paz. As vivências acontecem a todo momento no mundo da vida da escola e das pessoas. Vive-se, realiza-se o trabalho de professor ou o papel de aluno, porém o intenso processo de absorção de aprendizagens que ocorre a todo instante é apenas tangenciado e assim também os sentidos que nascem a partir daí.

Em termos de vivência na escola, paz e violência andam juntas. É possível questionar que tipos de vivência são proporcionados a partir da segurança reforçada na escola. Certamente, há um sentimento maior de proteção por parte dos integrantes da escola, porém, isso, de alguma forma, retro alimenta a violência. E também há um aspecto simbólico ou cultural muito forte nesse ponto.

Com relação ao que está acontecendo na escola para haver paz, não há um trabalho articulado em torno da paz na escola. As ações geralmente são iniciativas individuais, e as noções de como articular grupos e uma rede na escola em prol de uma Educação para a Paz são tênues. As ações são predominantemente pontuais. Quando é analisado o que a escola realiza para proporcionar vivências de paz, emerge densamente o desejo de reprimir e prevenir a violência direta, resultando em paz negativa. O fato de que possa haver alguma forma de violência estrutural sendo reproduzido pela escola, não foi levantado.

Quanto à construção de paz, não há um consenso sobre como atingir paz, mas que é possível construí-la. A paz não é compreendida como ciência, e, conseqüentemente, não se conhece um método para construí-la.

A Educação para a Paz é enfocada através do aprendizado de valores, para favorecer um ambiente de paz, mas é como se apenas tangenciasse a questão socializadora que é a resolução não-violenta de conflitos na escola e fora dela. A paz, como tema transversal, carece de um maior aproveitamento dos atos educativos que ocorrem no mundo da vida da escola.

O papel dos exemplos na educação é de suma importância. Principalmente, se for considerada a linearidade implícita nesse processo. Exemplifico com a resolução não-violenta de conflitos, dando sentido para quem a vivencia. E ao contrário, os conflitos não trabalhados

ou abordados de forma violenta resultando em significações de acordo com essa abordagem. A inversão do sentido dado pelas vivências é mais difícil, porém ela acontece; ela não é comum para todos os integrantes de um ato educativo.

Penso ser muito relevante estudar o como se dão as relações de paz no mundo da vida e entre seus atores. Mas é preciso contextualizar o mundo da vida da escola no global e compreender as relações que são estabelecidas. Refiro-me às culturas de paz e violência. Estudos de paz precisam focalizar as culturas e estruturas enraizadas (GALTUNG, 2005), as quais estão no pano de fundo do mundo da vida da escola. Percebo que as vivências constituem elementos constitutivos da construção de culturas de paz.

A educação *deve* despertar a razão. Volto com isso a Eric Weil (1974), para quem a razão é uma faculdade através da qual a violência pode ser elaborada. E a educação, ao meu ver, se sofrer a rotinização do dia-a-dia, em que cada um, educador e educando assumem os papéis, modos e regras pré-estabelecidos, sem darem sentido às vivências, não desperta a razão, mas a ignora, ou talvez conte com ela como algo automático e auto-criativo. Mas a razão não se desperta a si mesma, é despertada na convivência com o outro e no dar sentido às vivências. E isso a todo instante. Então, educar para a paz requer o despertar da razão para poder ressignificar vivências e proporcionar novas vivências.

É preciso difundir o conhecimento sobre a paz como ciência, a qual apresenta seus métodos, buscando uma transdisciplinaridade que vá ao encontro do paradigma emergente que ainda está em construção.

Percebo que a relação com o outro está objetivada, no sentido de que dificilmente eu ouvia um *nós* dos entrevistados, mas apenas *eles*, os alunos, as turmas, a direção, os professores, as famílias. O homem que já constitui o objeto das ciências humanas, continua objeto na escola e fora dela. O como vemos a ciência, conforme o ensaio no capítulo de metodologia, também se relaciona à escola cartesiana. A segmentação chega às relações.

A noção de coletividade também esbarra nisso, não há palpavelmente a idéia de *nossa escola,* de *nosso mundo da vida*. Pouco se ouve o apelo do outro, como diz Luijpen (1973, p.310):

> Na vida cotidiana estou acostumado a desempenhar um papel. Sou médico, cidadão da classe média, professor, juiz, sacerdote, intelectual ou operário. Como juiz, eis-me na presença de delinqüentes; como professor, estou perante o aluno; como médico, trato do doente; como sacerdote, lido com o assistido e o pecador. Mas quem são os delinqüentes, os alunos, os enfermos, os assistidos e os pecadores? São

> os que me dirigem um apelo! Não escutarei, porém, seu apelo a mim, se me identificar como o papel que me cabe representar, visto que essa identificação equivale a uma preocupação comigo mesmo, fechando-me ao chamado *real* do outro [grifo do autor].

Não se deve absolutizar um aspecto do ser humano, mas sim procurar conhecer o aluno a partir dele mesmo, como um todo.

O diálogo, quando acontece, é muito valorizado pelos dialogantes. É o dizer da palavra e o ouvir do outro que tomam seu lugar. Penso que o diálogo faz parte essencial da Educação para a Paz, e precisa ser estimulado e exercido como tal.

De maneira prática, vejo como necessária a inclusão da Educação para a Paz, ou de forma ampliada, a educação para a vida, na formação dos professores. Isso se torna necessário para canalizar mais as energias que existem em prol da paz, assim como para congregar metodologicamente aqueles elementos favoráveis à construção de paz que encontrei na escola.

Para concluir essa pesquisa e servir de inspiração para outras, retomo a questão de como fundar a educação para a paz na escola: partindo do mundo da vida da escola, acreditando nas possibilidades do homem como capaz de produzir atos natalinos e de construir a paz, percebendo a paz como ciência com método próprio e ouvindo o apelo do *outro*, para que as vivências na escola possam ser tijolos na construção da paz.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Macht und Gewalt.** 3. Aufl. München: R. Piper & Co., 1975.

BOULDING, Elise. **Concentrating on Essence.** 29 ago. 1990. Disponível em: http://www.transcend.org/t_database/printarticle.php?ida=190 Acesso em 27 ago. 2005.

_____. **Peace Culture**: the Problem of Managing Human Difference. 22 dez. 1998. Disponível em: http://www.transcend.org/t_database/printarticle.php?ida=189 Acesso em: 27 ago. 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Propostas pedagógicas para culturas de vocação da paz: algumas idéias desde a América Latina. In: _____. **Em campo aberto.** São Paulo: Cortez, 1995. p. 37-58.

GADAMER, Hans-Georg. Im Alter wacht die Kindheit auf. **Revista Zeitpunkte**, Hamburg, n. 1, p.16-20, 1996. Entrevista concedida a Bernhard Borgeest.

GALTUNG, Johan. **The coming One Hundred Years of Peacemaking.** 30 Aug. 1993. Disponível em: http://www.transcend.org/t_database/printarticle.php?ida=128 Acesso em: 27-08-2005.

GIORGI, Amedeo. **Psicologia com ciência humana:** uma abordagem de base fenomenológica. Traduzido por Rita S. Schwartzman. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

_____. **Phenomenological and Psychological Research.** Pittsburgh, PA: Duquesne University Press, 1985.

_____. The theory, practice, and evaluation of the phenomenological method as a qualitative research procedure. **Journal of Phenomenological Psychology**, 28, n. 2, p. 235-260, 1997.

_____. Método psicológico fenomenológico: alguns tópicos teóricos e práticos. Traduzido por Vera Maria Moreira Kude. **Educação**, Porto Alegre, v. 24, n.43, p.133-150, 2001.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **A educação para a paz na crise da metafísica:** sentidos, tensões e dilemas. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese de doutorado (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

HUSSERL, Edmund. **Philosophie als strenge Wissenschaft.** Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1965.

JARES, Xesús R. **Educação para a paz:** sua teoria e sua prática. Traduzido por Fátima Murad. 2.ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KANT, Immanuel. **Zum ewigen Frieden.** Königsberg: Friedrich Nicolovius, 1795. Disponível em: http://www.philosophiebuch.de/ewfried.htm Acesso em: 06 abr. 2004.

LEVINAS, Emmanuel. **Die Spur des Anderen:** Untersuchungen zur Phänomenologie und Sozialphilosophie. Übers., hrsg. und eingeleitet von Wolfgang Nikolaus Krewani. Freiburg (Breisgau); München: Alber, 1999.

LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. **Introdução à Fenomenologia Existencial.** Tradução de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: EPU, 1973.

MONTESSORI, Maria. **A educação e a paz.** Tradução de Sônia Maria Alvarenga Braga. Campinas, SP: Papirus, 2004.

WEIL, Eric. **Logique de la philosophie.** Paris: J. Vrin, 1974.